

Claire Williams*

University of Oxford

Lugares Comuns / Common Places¹

No 31 de Janeiro 2020, na véspera de o Reino Unido sair definitivamente, lamentavelmente, da União Europeia, a Faculdade de Letras da Universidade de Oxford organizou um evento chamado “Uma Celebração das Literaturas e Culturas Europeias”.² Vários professores e alunos dos departamentos que ensinam as línguas europeias participaram. Contribuíram com um poema, uma canção, uma carta de um escritor europeu. Para representar o departamento de português, a minha colega Cláudia Pazos-Alonso e eu decidimos ler, em versão original e em inglês, um poema de Ana Luísa Amaral, alguém que entrelaça as culturas anglo e luso na sua obra. Mas qual? Foi fácil escolher “Lugares Comuns”, um poema de sete estrofes que ao mesmo tempo retrata um espaço muito específico, e celebra a conexão e a sensação de comunidade que sobrevivem, mesmo em ambientes que parecem inóspitos, antipáticos, até. Começa por distinguir entre “eles” e “nós”, mas acaba por evitar estas separações gramaticais ao usar um verbo na terceira pessoa: “as mesmas coisas são”.

Achámos que talvez fosse um poema anti-Brexit, dado que alude a impérios perdidos – “eles até tiveram mais coisas, agora / é só a Escócia e um pouco da Irlanda e aquelas / ilhotazitas” –, e a preconceitos contra os que percebemos como outros, mas acaba por reconhecer o potencial de amizade em cada interação humana.

O Lugar

A protagonista, sozinha em Londres, tem algumas horas a perder antes de apanhar o avião para voltar a Portugal. À espera de um táxi, decide beber um chá, e entra num café que denomina “manhoso”, onde só se veem homens: para ser exata, “uma tribo de vinte e três”. O vocabulário realça a sensação de solidão e estranheza – “just a tea”, a repetição de “só”, e “sozinha” – a protagonista sente-se perdida, fora de lugar, desconfiada, ameaçada. Repete a palavra manhoso, ou manhosos, sete vezes, para ressaltar que não é o tipo de lugar que ela frequenta normalmente. Resume, era mesmo muito manhoso, muito rasca, para que não restassem dúvidas.

Quase como uma etnógrafa, traduz a cultura inglesa para o leitor português: “para quem não sabe / fazer uma pequena ideia do que eles por lá têm”. Observa, desdenhosa, a comida gordurosa, a decoração pirosa, toda de plástico, as maneiras dos homens, aparentemente

só homens, no seu território. Mesmo assim, concede que nada nem ninguém seja “mal-intencionado”. Quase como um guia turístico, explica que “os ingleses” não “se metem” com mulheres sozinhas, “como os nossos [homens]”; que, numa escala de qualidade, um café deste tipo “é pior que bar de praia”, e o equivalente aos ovos fritos em Portugal seria sandes de queijo no Reino Unido. E inclui marcadores linguísticos de ambas as culturas: gíria portuguesa e algumas frases em inglês que mostram que a protagonista é uma agente intercultural.

Na estrofe central do poema, a protagonista espia uma mulher, “sentada a ler uma coisa qualquer” – sozinha, entretida, calma. A outra mulher é quase anónima, mas a sua mera presença tranquiliza a poeta: ver alguém parecida, uma aliada, dá-lhe forças: “senti-me mais forte, não sei porquê”. Ao contrário dos detalhes da comida, da decoração, há vagas sensações de conforto que ela não sabe definir, nem justificar – apenas as sente.

O comum

Depois de ver a mulher, a protagonista começa a relaxar. Decide não responder agressivamente quando o balconista lhe entrega o chá com uma expressão um pouco paternalista: “There you are, love”. Contém-se, controla-se, começa a observar os outros fregueses com objectividade. Dá-se conta dos seus preconceitos sem fundamento. Ela concede que o café “não é nada mau”, o paternalismo é “entranhado neles”, e ela abdica de definições e antagonismos, declarando “Quero lá saber”. O desdém cede à tolerância, à aceitação.

Quando se levanta, para ir embora, a mulher sorri-lhe. Não fala, o sorriso é o suficiente: um sinal, um código que a protagonista reconhece – uma língua em comum. A poeta descobre que as diferenças culturais que poderiam dividir, afinal “não interessam”.

A primeira vez que li este poema, reconheci imediatamente o tipo de café, mesmo antes de conhecer a palavra “manhoso” – na tradução perspicaz de Margaret Jull Costa, “greasy spoon”. Ainda existem, embora muito menos do que havia antes, sobrevivendo nas ruas mais agitadas das cidades britânicas, entre cafés *hipster*, cadeias internacionais como a Starbucks e exóticos cafés de chá de bolhas. Eram tradicionalmente o território de trabalhadores, quase exclusivamente homens, que gostam de comer o famoso “full English breakfast”, cheio de carnes fritas. E reconheci a sensação de alienação e de se sentir diferente das pessoas em volta, a consciência de si, e o desejo de não chamar a atenção dessas pessoas. E a cumplicidade, a simples conexão que um sorriso estabelece. “That’s it”.

É um poema sobre o que as inglesas e as portuguesas têm em comum. É um poema sobre o que todos temos em comum. E por aí fora...

NOTAS

* Claire Williams é Full Professor na Universidade de Oxford, Reino Unido, onde leciona literatura e cultura brasileiras. É a representante de português na Steering Committee do Centre for the Study of Contemporary Women Writers (University of London) e editora da revista *Portuguese Studies*. Tem publicado sobre a obra de Clarice Lispector e Maria Ondina Braga, além de outras autoras que escrevem em português. Está a co-editar, com Maria Luísa Coelho, uma colecção de ensaios sobre a obra de Ana Luísa Amaral, intitulada *The Most Perfect Excess: Essays on Ana Luísa Amaral*, para a editora Peter Lang.

¹ Originalmente publicado em *Coisas de partir* (2001), o poema “Lugares Comuns” foi traduzido para o inglês por Margaret Jull Costa como “Common Places” para a colecção bilingue *The Art of Being a Tiger* (2016).

² Veja-se a reportagem sobre o evento feita pela jornalista brasileira, Consuelo Dieguez, na revista *Piauí*, em Março de 2020.

Bibliografia

Amaral, Ana Luísa (2001), *Coisas de partir*. Lisboa, Gótica.

-- (2016), *The Art of Being a Tiger*. Edição bilingue, tradução de Margaret Jull Costa, Oxford, Aris & Phillips/Oxbow.

Dieguez, Consuelo (2020), “Ceremônia do Adeus: Oxford se despede da UE”, *Revista Piauí*, no. 162: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cerimonia-do-adeus-brexit/>> (ultimo acesso em 30/09/24).